

A SEMANA

Publica-se aos Sabbados

POR TRIMESTRE :

Dentro e fóra da capital:
28000 rs.

DIRECTOR — VALENTIM MAGALHÃES

REDACÇÃO E GERENCIA — TRAVESSA DO OUVIDOR, 36, SOBRADO

NUMERO AVULSO

Do dia 100 rs.; atrazado
200 rs.

Não se restituem originaes, embora não publicados.

SUMMARIO

Historia dos sete dias — Como nos receberam — O *Diário Mercantil* — Pitadas ecclesiasticas. *Satanaz do Silva* — Semprel soneto. *Filinto de Almeida* — Atentado — Bolos, *Chico Ferula* — O bom Deus, *Theodoro de Bourville* — Facto grave — O Luz, *Luco de Mendonça* — Vaso de flôres (poesia). *Alfredo de Souza* — A *Ilustração* — Carnaval da Historia, *Pedro Veron* — Poesia e poetas. As «Opalas»; *Urbano Duarte* — Matos, Malta ou Malta? Novas revelações — As Meridionaes, *Sousa Monteiro* — Theatros — Per agros; *Luiz Delfino* — Tratos á bola; *D. Postel* — Correio — Recebemos — Declarações — Annuncios.

A SEMANA

Rio, 17 de janeiro de 1885.

HISTORIA DOS SETE DIAS

A semana decorrida do dia 10 ao dia 16, se não é das mais interessantes, não é tambem das mais chôchias.

Tanto daria duas paginas como duas columnas.

Isto de chronicas é como a borracha do Pará e o formato da *Folha Nova*: — encurta ou cresce conforme se estica ou se aperta o assumpto. Apertemol-o, porque é pouco o espaço.

Toda a semana foi occupada pelas cinco seguintes questões, de que se alimentaram as folhas: — Casas de jogo; officio do Sr. ministro da justiça louvando os serviços do Sr. Mito de Tattos, digo: Tattos de Mitto; a tragedia do Bom Sucesso; a pendenga comico-scientifica entre o Sr. Dr. Pedro Affonso e os seus collegas da Academia de Medicina sobre o humero do interminavel Castro Malta; e as eleições.

Vamos por partes e... depressa.

I. CASAS DE JOGO. — Graças á iniciativa de um subdelegado zeloso, tem a policia dado nas tocas mysteriosas da jogatina, que, como occultas e monstruosas bocas de esgoto, vão sugando e sumindo as penosas economias de grande parte da nossa população.

A policia bem sabia onde eram esses covis da batóta, essas espeluncas do barato, assim como tambem ninguem ignorava as razões porque sómente agora se lembrou a policia de visital-as. Depois de varejadas e varridas as suppostas casas de *cosmoramas* e *cavallinhos*, mas na realidade perigosos focos de jogo.

depois de photographadas as durissimas caras dos heróes da sóta e da *vermelhinha*, — a realizar-se essa excellente idéa do digno actual chefe de policia — feita essa primeira limpa urgentissima, deve a policia completar a sua obra. Suba um pouco mais n'essas baixeiras e atire-se sem dó nem medo ás outras casas de jogo; áquellas em que se fazem *paradas* de contos de réis e em que altos figurões de *gravata lavada* não se dedignam de puxar a orelha á sóta na doce e moralisadora companhia de *cocottes*, por demais conhecidas. A policia bem nos entende... *A bon entendeur... salut!*

II. ELOGIO AO EX-CHEFE. — Se querem que lhes fallemos com franqueza, devemos dizer-lhes que não achamos motivo para tamanha grita nem tamanho espanto no facto de haver o Exm. *sodré* da Justiça elogiado em officio « os bons serviços » prestados pelo Sr. Tattos de Mitto durante o tempo em que exerceu o cargo de chefe de policia.

E' verdade que o governo imperial declarou que praticava um acto de justiça (*sic.*) *lascando* esse elogio ao Sr. Tattos; não é menos verdade que isso é o requinte do desrespeito á opinião publica, o cumulo do *que bem me importa!*... com a imprensa e com o proprio Imperador, o qual, segundo constou geralmente, *amolou-se* muito com o procedimento do dito Mitto.

Mas se agora se levanta semelhante gritalhada, tamanha *espantarração*, que se dirá, que se fará — quando o Sr. desembargador fôr elevado á dignidade de barão — das Calottes, por exemplo?

O que nos admira a nós, não é o elogio ministerial aos bons serviços *titaneos* do ex-chefe; o que nos admira é a admiração que isso tem causado.

E' porventura este o primeiro facto? Que diabo! já era tempo de estarmos acostumados! O Sr. Belarmino, de peregrina memoria, fez o que fez, e o que todos sabem, no *incidente* Apulcho; e agora, como recompensa, trata-se de aboletal-o na Relação da Côrte; o que, aliás, tem merecido a entusiastica approvação d'O País!

Fechemos, portanto, as nossas bocas espantadas e preparemo-nos philosophicamente para receber a noticia de que o governo imperial, muito grato e commovido pela lembrança dos bons serviços

prestados pelo Sr. Mitto no *incidente* Malta, houve por bem nomeal-o... vice imperador do Brazil.

III. A LEI DE LYNCH. — Durante a nova applicação dessa lei em Bom successo, na provincia de S. Paulo, fuge-nos toda a alegria e os mais tristes e penosos pensamentos nos acommettem.

Desta vez o *lynchado* não foi um escravo, assassino do seu proprietario; foi um homem livre. Como explicar então o horrivel delicto?

Por mais barbaro e revoltante que se considere o crime de José Rodrigues do Nascimento, assassinando Salvador e os seus tres filhos menores, não menos barbaro nem menos revoltante é o crime da multidão, arrancando Nascimento á cadeia e arrastando-o pelas ruas, amarrado a uma corda, até que o desgraçado expirasse esphacelado!

Ai de nós, se a justiça que se baseia na lei é substituida pela justiça das multidões!

IV. — QUESTÃO SOBRE O HUMERO DE MALTA. — Interessantissima.

A commissão da Academia de Medicina expoz na *vitrine* da casa Laemmert alguns humeros serrados e preparados de modo a mostrar no collo cirurgico o canal medullar, cuja existencia o dr. Pedro Affonso negára impavidamente.

Em resposta, o Dr. Pedro Affonso publicou o seguinte:

« Em nome do decoro e da dignidade de nossa classe, e sobretudo das cadeiras que occupamos na Faculdade de Medicina, peço aos collegas que retirem das vidraças da casa Laemmert a exposição que alli fizeram! »

Nunca imaginei que para sustentar um erro como o de terem dito que havia canal medullar no colo do humero, quer anatomico quer cirurgico, os collegas ousassem expor ao publico humerus de que *artificialmente* fizeram *carvar aquelle canal até onde lhes pareceu!*

E' o cumulo da má fé e do desprezo para a classe a que pertencemos e para este credulo publico. Cahirá sobre suas consciencias toda a responsabilidade de tão errado passo.

Tomo á minha conta a demonstração deste attentado, se persistirem no proposito desta exposição. »

Esta accusação é gravissima.

E' d'aquellas que, entre gente leiga em medicina, traz muitas vezes como resposta — a bengala.

O illustre genro do Sr. Tattos accusa

os dignos membros da comissão de um acto indigno, indecoroso, infame!

Além de ignorantísimos em materia que devem conhecer perfeitamente, acobardados de embusteiros e falsificadores. Ataca-os na sua dignidade de profissionais e na sua honra de cavalheiros, no seu caracter de homens!

Mas os accusados não perderam a calma e a prudencia indispensaveis em tão grave emergencia; e, em vez de responderem a bengaladas, como era para temer, responderam pelo *Jornal* nos seguintes termos, precisos, alevantados e dignos:

« Graças a Deus, nenhum de nós seria capaz de praticar a feia acção, que o Sr. Dr. Pedro Affonso nos attribue; e appellamos do juizo de S. S. para o dos nossos collegas, pedindo-lhes que vão decidir se o canal medullar dos humeros, que se acham expostos na casa Laemert, está fraudulentamente cavado por nós.

Em nome do decoro da nossa classe, em nome do sentimento da verdade e da honra de todos nós: convidamos o Sr. Dr. Pedro Affonso a expôr publicamente humeros, que tenham sido abertos por S. S. e que sejam diferentes dos que expuzemos!

Eis o meio de tirar a limpo a verdade.

Quanto á retirada, que S. S. exige, dos ossos em exposição, é isso um contra-senso: se o acto que S. S. nos imputa é verdadeiro, convém conservar o corpo do nosso delicto; se a imputação é falsa, importa á nossa de feza que a exposição subsista.

DR. NUNO DE ANDRADE.
DR. JOÃO BAPTISTA DE LACERDA.
DR. JOSÉ PEREIRA GUIMARÃES. »

Hontem declarou o Dr. Pedro Affonso pelo *Jornal* que estava preparando tres humeros, que exporia a seu tempo, para provar irrefutavelmente que não existe canal medullar no collo do humero.

Vamos ver um duello inteiramente novo, desconhecido até hoje: o duello a —osso. Empunhem os membros da comissão os seus, e ponham-se em guarda á espera dos ossos do Dr. Pedro Affonso. Eis aqui uma questão cada vez mais dura de roer. Esperemos pelo duello.

V. AS ELEIÇÕES.— Vão perdendo de interesse. São tão contradictorias as noticias e tão suspeitos e atrapalhados os telegrammas que diariamente nos chegam das provincias, que, afinal, como ninguem sabe ao certo no que ha de acreditar, cansaram-se todos d'essa estranha gymnastica intellectual de adivinhar deputados—como quem adivinha charadas — e passaram a pensar em cousas mais intelligiveis e menos massadoras. Entretanto parece que foram eleitos mais os seguintes Srs.:—cidadão Antunes Maciel, de Pelotas; Prudente de Moraes, republicano, e conselheiros Duarte de Azevedo e Martim Francisco, por S. Paulo; Dr. Leopoldo Cunha, pelo Espirito-Santo; Drs. Itaquí e Diana, pelo Rio-Grande do Sul; Gomes de Castro, pelo Maranhão; Justiniano Chagas, Vaz de Mello, Alvaro Botelho, e Antonio Carlos, por Minas; e talvez outros ainda.

Como, porém, a secção propria para

charadas é a dos *Tratos á bóla*—deixemo-nos de eleições.

Se acrescentarmos ao que ali fica uma furibunda enchente no municipio de Capivary, a qual matou 15 ou 16 pessoas; mais uma victima,— e d'esta vez uma pobre eriança,— dos *assassinos* (vulgarmente: *bonds*); que SS. AA. Imperiaes continuam a viajar pelo Rio Grande do Sul, sem que ninguem tenha dado por isso; que o Sr. Mito de Tattos recebeu ruidosa manifestação de apreço, obrigada a *bonds*, ramos de flores, musica poliecial, cartas de biclas, apupos e limões de cheiro, (de *cheiro* é um modo de dizer); manifestação feita unicamente pelos seus ex-subalternos da policia, se acrescentarmos esses *poses*— teremos concluida a historia dos sete dias.

Pois estão acrescentados; e, portanto: *Ite, missa est.*

COMO NOS RECEBERAM

A *Gazeta de Noticias* occupou-se com A *Semana* no seu noticiario e na *Chronica Semanal*.

Eis a noticia:

A SEMANA

« Com este titulo começou hontem a ser publicada, sob a direcção do nosso collaborador Dr. Valentim Magalhães, uma nova folha hebdomadaria. Melhor do que nós o poderíamos fazer, o seu director explica do seguinte modo os intuitos da nova publicação:

(Segue-se a transcripção de um trecho do nosso programma e dos nomes dos redactores.)

« Quanto á collaboração—será representada pelos nomes mais conhecidos e respeitadas nas letras e nas sciencias. De-elinal-os seria estender inutilmente uma lista enorme, além do inconveniente de impedir a surpresa de enconral-os, assignando os seus interessantes e valiosos trabalhos.

« Com tal programma e dispondo de tão brilhante collaboração, é de suppor que A *Semana* tenha longa e prospera vida.

« E' o que sinceramentelhe desejamos.»

E na *Chronica*:

« Tambem tivemos o apparecimento d'A *Semana*, o elegante indice critico, que vai ser, dos successos litterarios, politicos, sociaes e de outros successos, expostos e commentados pelo nosso collega das *Notas á Margem*, ou em exposição critica por elle homologada... uma revista de novo genero e de feição nova.»

O *Brazil* exprimiu-se a nosso respeito nos seguintes termos:

A SEMANA

« E' o titulo de um novo periodico litterario que acaba de apparecer quasi com o anno, pois o seu primeiro numero foi hontem distribuido.

Collaborada por uma pleiade de moços intelligentes e cheios de aspirações, e que formam um dos grupos mais distinctos da nova geração de poetas e prosadores, este novo semanario está destinado a preencher uma lacuna que existia em nossa imprensa hebdomadaria, de amena leitura e agradável passatempo.

O primeiro numero vem bastante variado e os seus principaes artigos são

escriptos por pennas que, embora não assignem os nomes, denunciam-se como pertencentes ao numero dos mais festejados. A impressão é bem cuidada; pena e que o papel não corresponda a essa nitidez.

Agradecendo á illustrada redacção a graciosa offerta, favemos votos para que a *Semana* tenha longa e brilhante carreira. »

O *Pai*:

« Distribuiu-se hontem o primeiro numero da *Semana*, periodico que tem por director o illustrado collega da *Gazeta de Noticias*, o Sr. Valentim Magalhães, e que, como o seu titulo indica, é hebdomadario.

Propõe-se o novo orgão do jornalismo fluminense a fazer a historia completa e fiel da semana, dando a *nota do dia*, e tendo para isso secções que se refiram ao movimento litterario, scientifico, artistico, politico, etc.

Para satisfazer tão auspicioso programma apresenta-nos o estimado jornalista que dirige a nova folha, escriptores que garantem a sua fiel e magistral execução. Com redactores como os Srs. Arthur Azevedo, Aluizio Azevedo, Urbano Duarte, Pedro Americo, Alberto de Oliveira, Alfredo de Souza, Filinto de Almeida e Luiz Murat, não pôde a *Semana* deixar de conquistar o melhor acolhimento do publico, que já aprecia e conhece o merito litterario e artistico dos seus redactores. »

O *Apostolo*:

« A *Semana*.—Sahiu, como estava annunciado, este periodico, hontem, primeiro sabbado d'este anno, e do qual recebemos o primeiro numero.

E' bem escripto e está sob a direcção do Dr. Valentim Magalhães, pelo que só se lhe pôde augurar prospera carreira e a mais franca acceitação do publico.

E' um jornal que por seu formato e plano, sob o qual é editado, formará no fim de algum tempo um interessante livro.

Agradecemos a visita. »

O *Diario Portuguez*:

A SEMANA

« Appareceu hontem o primeiro numero da *Semana*, hebdomadario de que é director o sr. dr. Valentim Magalhães, o popularissimo author das *Notas á margem*, da *Gazeta de Noticias*.

.....
.....
Como se vê, o plano do novo orgam é vasto e seria de difficil execução se os empresarios do symphatico periodico não contassem no corpo da redacção talentos de primeira agua; mas quando se tem o concurso de escriptores do pulso de Alberto de Oliveira, Alfredo de Souza, Aluizio Azevedo, Filinto de Almeida, Urbano Duarte e Valentim Magalhães, está seguro o triumpho em todas as pugnas onde se fizerem valer o talento e a erudicção.

Desejamos ao collega muitos annos de vida e que o publico lhe dispense o acolhimento a que tem direito.

Permutaremos. »

No proximo numero daremos conta da recepção que nos fizeram outros collegas da côrte e de S. Paulo, que foram para conosco igualmente amaveis.

Acha-se enfermo ha algum tempo o Sr. Arthur Barreiros, illustre moço, que tanto se tem feito admirar por seus escriptos de raro valor litterario, e estimar por suas qualidades de amigo e de cavalheiro. Desejamos-lhe de coração prompto e completo restabelecimento.

O «DIARIO MERCANTIL»

O nosso excellente collega de S. Paulo — *Diario Mercantil*, habilissimamente dirigido por Gaspar da Silva, tem publicado ultimamente, em magnifica reproducção lythographica, alguns preciosos autographos de homens illustres da Europa. Já deu á estampa uma carta de Girardin, talvez a derradeira por elle escripta, pois que o foi no proprio dia da morte, e outras de Meyerbeer e Sainte-Beuve.

Cada autographo é acompanhado de uma noticia critico-biographica escripta especialmente para esse fim por estimados escriptores brazileiros e portuguezes. No seu numero de 1.º do corrente publicou o *Diario Mercantil* uma bella carta de George Sand, dirigida, ao que parece, a Emilio de Girardin.

Sabemos que o *Diario* publicará proximamente autographos de Theoph. Gauthier e François Coppée, que serão acompanhados por artigos escriptos sobre aquelle, por Valentim Magalhães, sobre este pelo conhecido poeta Raymundo Corrêa.

Estes autographos pertencem á bella collecção da eminente atriz Lucinda Furtado Coelho e foram-lhe dados pelo grande escriptor francez Catulle Mendès.

Parabens ao *Diario Mercantil*.

PITADAS ECCLESIASTICAS

Ao « APOSTOLO »

Commentario anachronico:

« Não façás a outrem o que não querias que te fizessem. » Ora, se d'aquelles pobres diabos que morreram afogados no diluvio universal, algum adivinhasse que Deus viria á terra, em fórma de Christo, prégár aquella maxima, com quanta justiça lhe perguntaria:

— Então, Pae do Céu, quereria vossemecê que lhe fizessem uma d'estas ?

Um projecto de reforma no symbolismo catholico:

O Sr. S. José, tronco biblico dos maridos condescendentes, devia, ao menos, propor, em côrte celeste, que se aconselhasse o papa a resolver, da primeira vez que houvesse de fallar *ex-cathedra* que a figura do Espirito Santo passasse a ser, — em vez de uma pomba, — um cuco.

Nasce de cima a corrupção dos... mortaes.

O visconde de S. C., contemplando uma imagem do apostolo S. João:

— Rapagão! .. Como eu te compreendi bem, meu Divino Mestre!

Entre officiaes do mesmo officio:

PADRE:

Crê de Maria Santissima
Na virgindade, — é preceito.

FABRICANTE DE VINHO VIRGEM:

Crê vossa reverendissima
Na do meu vinho, — e está feito!

N'um exame de doutrina christã:

EXAMINADOR. — A humildade foi sempre uma das virtudes catholicas. Veja o menino o caso do propheta Ezequiel, a quem Deus mandava que comesse o seu pão com o esterco que sae do homem. A quem lhe mandasse o mesmo o que diria o menino?

EXAMINANDO. — Eu diria que... quem manda, tambem herda.

A uma *horizontal* em confissão exhortava o padre a que seguisse o exemplo de Maria, a Magdalena, hoje santa, porque amou a Jesus Christo.

ELLA. — Ah, Sr. vigario! eu tambem se apanhasse um fidalgo d'aquelles — para despedida... e com o rendimento que tem hoje!

SATANAZ DA SILVA.

SEMPRE!

Nas tristes horas d'este apartamento
Toda a razão de mim tambem se aparta,
Tanto monta que partas ou que eu parta:
E' sempre igual o duro soffrimento!

Esquecer-me de ti jamais intento;
Pois se de gosos temos a alma farta,
Mais gosos carecemos, que reparta
Com a nossa alma o nosso pensamento.

Triste e cruel destino, que nos chega
Um para o outro quando nos separa!
E como é para nós Fortuna cega!

Lucto, e vencer não penso nem consigo:
Fujo á tua presença que me é cara,
E quanto mais te fujo, mais té sigo!

25 de Dezembro de 1884.

FILINTO D'ALMEIDA.

Visitámos ha dias o laboratorio pharmaceutico do Sr. Eugenio Marques de Hollanda.

Bellissima a exposição dos já conhecidos e utilissimos preparados feitos pelo mesmo senhor.

Folgamos immensamente em ver no nosso paiz um estabelecimento digno de figurar ao lado dos melhoes que, n'este genero, se encontram na Europa.

D'aqui lhe diremos que desejamos immenso que sempre morra *de mentira*, e que nós vivamos *de verdade* para ter a alegria de no fim d'este anno e de outros visital-o e ao seu laboratorio.

ATTENTADO

O Sr. Gaspar da Silva, conhecido redactor do *Diario Mercantil*, de S. Paulo, foi, na manhã do dia 8 do corrente, victima de um gravissimo attentado, a que, segundo parece, deu causa um artigo ineditorial publicado nas columnas d'aquella folha.

O aggressor, o dr. Pedro Tavares Junior, considerando-se offendido em sua dignidade pela referida publicação, cuja auctoridade imputava áquelle distincto redactor do *Diario*, resolveu-se a ir á sua casa procural-o, a fim de lhe pedir uma explicação, que lhe foi terminantemente recusada, assumindo o nosso collega toda a responsabilidade da referida publicação.

A' vista d'isso, o dr. Pedro Tavares achou conveniente empregar como ultimo recurso um argumento irrefutavel, e lançou mão de um punhal que tivera a previdencia de levar em uma algibeira do paletot.

Houve lucta e queda — cabendo ao aggressor a posição mais vantajosa. Atacado de improviso, e com dois ferimentos no braço esquerdo, ainda assim pôde o Sr. Gaspar da Silva defender-se, arrumando no seu adversario dois valentes sóccos, que o puzeram quasi immediatamente fóra de combate.

O facto foi momentos depois levado ao conhecimento da auctoridade policial, que procedeu a inquerito, tomando as de mais providencias necessarias. O aggressor conseguiu escapar-se e hoje passeia incolume pelas principaes ruas da cidade, graças á interferencia benevola do aggreddido, que se oppôz á sua prisão.

Vae ser entretanto submettido a julgamento, achando-se os autos do processo, instaurado contra elle pela justiça, em poder do Sr. Dr. promotor publico. E' de esperar que o criminoso receba a punição de que é merecedor.

Terminaremos esta ligeira noticia fazendo notar o inqualificavel procedimento dos jornaes da capital, que se limitaram a dar aos seus leitores conhecimento da aggressão, em poucas linhas de prosa mascavada, excepto a *Provincia de S. Paulo*, que houve por bem fazer commentarios á espantosa occurrencia, manifestando-se, porém, a favor de Tavares, que ha tempos pertencera á sua redacção.

Espirito de classe é coisa que, na sua maioria, os jornalistas de S. Paulo desconhecem absolutamente.

Felicitemos a Gaspar da Silva, contentes de o sabermos escapo e illeso á furia do attentado, no qual se houve da maneira mais correcta e digna de um homem brioso.

BOLOS

Venha a mão, senhora *Folha Nova*. Vossa mercê está ensandecendo com a idade? Pois entre os seus innumerados guarda-livros não haverá um capaz de dizer quatro palavras com limpeza?

A sua litteratura commercial, o seu noticiario mercantil vae de mal a peor. A noticia que deu da «Semana» é coisa que se fizesse? Que diabo terá dentro da cachola o desgraçadinho que a escreveu?

Pederneira, chumbo, areia ou cascas de laranja?

Ter-lhe-hia subido o feno á cabeça?

E a sua noticia da ovação ao Sr. Tito de Mattos, em prosa *rimada*, no dia 15!

« Admiradores do dito, inspectores com apito, algum menino bonito, e outros que d'arma tem grito, tudo estava á coca no largo da Carioca, para não haver troca nos carros de ovação ao illustre patrão. »

E mais:

« As bicas da Carioca, em vez d'agua era oca, e no tanque uma phoca! Até parece moça! »

Ainda mais:

« Cheirou para ver o cheiro... era tinta de Monteiro! »

Como asneira, parece-nos monumental!

Nem dignidade jornalística, nem criterio, nem arte, nem grammatica! Um cumulo!

Aquelle sujeito que cheirou para ver, devia olhar para cheirar, apalpar para ouvir, escutar para apalpar e gostar para ver, ouvir, cheirar e apalpar.

O que se vê é que vossa mercê tem os sentidos todos trocados e embaralhados. Naturalmente quando alguém perguntar, por exemplo, a um dos seus carneiros :

—Gostas de relva, borrego? Elle responderá :

—Cheiro, sim, senhor.

*
* *

E o outro trecho : « As bicas da Carioca, em vez d'agua, era oca e no tanque uma phoca! »?

Que diabo de lingua é esta, menina? E' lingua bunda? Filia-se a algum dialecto africano?

Se o é, dizemos-lhe aqui á puridade, emi congo:

— Maximba!

Decididamente, a menina precisa entrar outra vez para a escola, se é que já por lá andou.

Um bocadinho de grammatica, não se abusando, uma vez por outra, não faz mal a ninguém.

Tambem, a vossa mercê só o que lhe falta é seriedade, dignidade, bom senso, intelligencia e grammatica.

O mais, tem tudo... e com fartura; vê-se que é filha do *Diario Popular*. De sandices então, é uma abundancia só comparavel á dos guarda-livros que lhe engraxam a prosa e os versos!

Até outra vez.

O *Escaravelho*, dos Apedidos, velha criança que se fez insecto para que lhe não quebrassem os dentes quando morria, disse no domingo que *A Semana* era leitura para homens.

Sim, senhores! O velho urso, em questões de critica litteraria está ao lado do Serafim Alves — que nos annuncios da sua livraria do Povo chama leitura para homens aos livros de Zola, Goncourt, Daudet, Maupassant, Eça e Teixeira de Queiroz, Lourenço Pinto e outros escriptores modernos.

A critica da rua do Ouvidor pede auxilio á da rua de S. José; o que desejamos é que esta lhe não responda fazendo o mesmo que faz ao cebo.

Agora, se o *Escaravelho* ainda fosse homem, sempre lhe perguntariamos se em vez da *Semana* seria capaz de ler a sua esposa ou a sua filha as correspondencias de Berlim e os annuncios da Garrafa Grande, do *Jornal do Commercio*.

Responda a isto com o ferrão na consciencia e não trate de averiguar se somos menos decente que o *Jornal*.

No mais desejo-lhe toda a rua de S. José, antiga do Parto, com critica, livreiros, cebo e tudo.

CHICO FÉRULA.

O BOM DEUS

Sob o immenso pórtico cujas pedras são feitas de luz extasiada, candente de amor, e da qual se o minimo átomo se desprendesse offuscaria o rebanho doudo dos Sôes, o bom Deus, em vestiduras de imperador, vê e contempla os Infinitos, sentado sobre o seu throno. Aos seus pés desenrola-se o éther fremente, semeado de pequeninos pontos brilhantes, quasi imperceptiveis, que são os Universos.

Perto d'Elle, estão os Anjos terriveis, que se eternecem porque ouvem chegar aos seus ouvidos—queixas, soluços e estertores.

— « Oh! Senhor, escutai, diz Ananiel. Innumeros mundos, immoveis e frios,

gêlam-se, morrem de velhice. Vêde como se inteiriçam os seus cadaveres e pendem desesperadamente as cabelleiras inertes! »

Mas apenas acaba Ananiel de fallar, eis que nascem novos mundos, palpitam, crescem e, como crianças alegres, fogem, vôam arrebatados na ardente musica do Rythimo universal.

— « Meu servo, diz o bom Deus ao anjo, affligias-te por cousas que podem ser reparadas e renovadas pela inexgotavel Vida. Porque? Mas... dizei-me, que grito é este, queixoso e doce, que estou ouvindo como um flêbil murmúrio? »

— « Senhor, diz Zadakiel, tomando a palavra a seu turno, esse grito vem do humilde planeta, para sempre bemdito! —em que foi vertido o divino sangue. E' uma criancinha de Moulius (Allier) que deseja ter um polichinello. »

— « Mas, diz Raziél, vêde. Senhor! Eis que, n'esse mesmo planeta, um feroz conquistador devasta os reinos, destroe as cidades, tinge os rios de rubro sangue. Elle estrangulou montões de homens que deu em pasto ao seu leão, e esmagou as cohortes sob as patas dos seus elephantes. Atraz de si deixa mulheres estripadas, de labios brancos, pyramides de cabeças cortadas, campos em que a herva nunca mais brotará, esqueletos de aldeias calcinadas, e estradas nuas em que nada mais se vê do que cinza negra. »

A estas palavras os Anjos baixam tristemente as cabeças. Como, porém, pensamento de Deus se commisere da sua tristeza, e como para elles não exista o Tempo, erguendo de novo os olhos, elles vêm—reconstruidos os templos, os jardins reffloridos, os campos cobertos de maduras mèses, e, junto aos rios tranquillos, mãis que amamentam aos seus bellos seios os filhos recém-nascidos, enquanto o sol do meio dia beija as frentes dos segadores.

— « Mensageiro, diz o bom Deus a Raziél, bem vêes que os males e os desastres serão sanados e que nenhuma dôr gritará em vão. Mas parte, vai depressa inspirar bons pensamentos á mãe do innocentinho que chorava ha pouco. Empenho-me muito em que essa criança tenha o seu polichinello. »

THEODORO DE BANVILLE.

FACTO GRAVE

Havendo chegado ao nosso conhecimento que se estava passando um facto de natureza gravissima em uma casa de certa rua de um dos nossos mais frequentados arrabaldes, entrámos immediatamente em indagações. Não nos havia enganado o nosso informante. Tudo era infelizmente verdade! Trata-se de um d'esses casos de inaudita crueldade, de uma d'essas aberrações inoraes, que se não pôdem comprehender e que assombram e alquebram tristemente o espirito quando n'ellas medita.

Temos colhido todas as informações necessarias e registrado nomes de pessoas respeitaveis, que conhecem perfectamente o facto em questão, estando promptas a depor sobre elle, se fôr necessario.

O caso é extremamente serio e demanda promptas e energicas providencias. Vamos pedil-as á policia, a qual, esperamol-o, porá cobro ao revoltante abuso, punindo os seus auctores, como elles merecem.

Para não despertar alarma e não perturbar os meios de acção policial, guardamos por hoje absoluto silencio sobre o caso.

Mas daremos aos nossos leitores circumstanciada e exactissima noticia de tudo o que houver occorrido—em supplementos e boletins que começaremos a publicar logo que fôr opportuno.

No proximo numero publicaremos uma soberba traducção de Catulle Mendes—*A esposa*, por Affonso Celso Junior. De ha muito que este delicado e mavioso poeta havia sido roubado ás musas pela politica. Felizmente não o foi de todo; e que a lyra do cantor das *Telas sonantes* não emmudeceu ainda prova-o essa formosa poesia, que vae enriquecer as paginas d'*A Semana*.

HORAS DO BOM TEMPO

(A VALENTIM MAGALHÃES)

O LUZ

(Continuação)

III

Conhecer o Luz sem o Castilho, não seria conhecê-lo bem; os dous completavam-se. Communistas ambos, eram inseparaveis, e admiravam-se, dignos um do outro. Viviam a porfiar em vagabundagem.

Nas horas vagas da pandega, e que eram raras, em vez de se entregarem por desfastio, como tantos outros; á leitura do *Direito*, os nossos dous amigos mettiam-se em casa a estudar... o noticiario do *Correio Paulistano*; e, como esse tinha sido o seu estudo durante a semana, ao sabbado, á hora da sabbatina na academia, ficavam os dous em casa, sentados á mesa do almoço, muito sériamente a argumentar—sobre o noticiario do *Correio*.

— Diga-me o meu illustrado collega: o que praticou o sr. major Antonio José de Freitas Seabra, no dia 14 do corrente, na cidade de Pirassununga?

— Um barbaro assassinato na pessoa de...

— Está ligeiramente equivocado o meu nobre collega: o que o sr. major Seabra praticou em Pirassununga, a 14 do corrente, foi uma acção d'essas que não se commentam—registram-se, concedendo

liberdade sem onus algum aos seus escravos Fabricio e Anastacio.

— Eu poderia demonstrar ao meu collega que foi precipitado em atalhar-me; eu lá chegaria; poderia demonstrar-lhe que não estamos em desacordo, pois a acção do sr. major Seabra foi, como ia dizendo, um verdadeiro assassinato... da escravidão. Mas passemos a outro ponto. Queira ter a bondade de dizer-me,— e estou certo de que me satisfará, em sua reconhecida illustração,—a que molestia succumbiu, em Lorena, em dia do mez passado, o subdito italiano Vincenzo Viviani?

— A uma congestão cerebral.

— Desculpe, collega, o senhor está se espichando como uma vacca: aquelle subdito italiano suicidou-se.

— Mas, então, o meu collega teve a pouca vergonha de fazer-me uma pergunta capciosa.

— Estou no meu direito, usando de fórma capciosa; o collega é que não devia ser o asno que foi, para calir em engano tão grosseiro...

E a sabatina, começada com apuros de cortezia, degenerava, como tantas outras, em grossa descompostura, até que um d'elles, imitando a vozinha suspirada e plangente do padre Andrade, chamava á ordem o sr. estudante.

*

No ultimo anno que teve em S. Paulo o Luz sahia, muitas vezes, para a rua, depois da meia-noite, vestido de mulher, armado de uma palmatoria do seu tamanho e precedido de um negralhão, que levava, acceso, á cabeça, um enorme lampeão de kerozene.

Ao primeiro transeunte retardado que encontrava, embargava-lhe o passo e com intimativa solemne declarava:

— Eu sou a Opinião Publica; ando velando pela moralidade privada e pela paz das familias. Isto não são horas de um cidadão morigerado estar fóra dos lençóes domésticos. Venha a mão!

Se o sujeito procurava evitar a sova, fugindo, era tempo perdido, porque o Luz corria-lhe atraz como um veado; e o filava outra vez. Se se dispunha a resistir, o Luz bradava ao negralhão:

— Scipião Africano! inutilisa-me este typo!

E era preciso ser homem e meio para resistir a um demonio como o Luz e a um Hercules como o seu negro.

Muito cidadão de barbas na cara (e até consta que tambem um lente da Faculdade, encontrado em má companhia) provou d'aquella palmatoria, em S. Paulo, no anno da graça de 1877.

*

De uma vez, na sua ronda de Opinião Publica, o encostado foi um latagão portuguez, carroceiro d'agua.

Depois de viva reluctancia agarrado á força por Scipião Africano, o carroceiro entrou em duas duzias de bolos, uma

por pena da resistencia, pois a conta da tabella era uma duzia só.

O bruto espumava e rugia de raiva:

— Hão de m'a pagar! Hão de m'a pagar!

Depois do vigesimo quarto bolo, que descarregou, contando alto com a sua voz inalteravelmente austera, o Luz, approximando á cara do homem o lampeão, que estivera no chão, a um lado, disparou uma sonora gargalhada:

— Pois eras tu, Manoel Bexiga?!

— Era, sim, meu doutorzinho, e amanhã m'a pagas!

Manoel Bexiga era o aguadeiro da communa.

— Tu, o aguadeiro da communa! o cidadão Bexiga!... Mas tu has de ser sempre o rei dos burros! Como não nos declaraste o teu titulo, pedaço de animal?! Agora, é tarde, estás com todos os teus viute e quatro bolos nas unhas, que nem o furtado, nem o Padre Eterno, os tira. Mas, aguadeiro da communa, offereço-te uma reparação digna de nós ambos: vem ceiar commigo!

Enfiou-lhe o braço, e levou o portuguez, ainda meio enfarruscado, mas já meio risonho tambem, até á sala da frente da *Sereia Paulista*, onde mandou servir uma ceia colossal.

Bebeu-se como se bebia onde o Luz estava; e tanto e tão bem comeu e bebeu o Manoel Bexiga que d'alli sahio captivo do rapaz.

No outro dia, mal acordou, ainda estremunhado, foi á communa.

O Luz, ao despertar, chamado pelo nome, teve deante de si a figura comovida do aguadeiro, que lhe fallou nesta substancia, reduzida a melhor fórma:

— Meu doutor! eu sou um pobre carroceiro que nada mais tem senão a pipa e o burro, que lhe dão de comer e á familia; mas o que tenho é do meu doutor: ali está á porta a minha carroça, ali está o meu burro, ali está o meu barilzito de pôr agua nas casas, ali está o canecão de folha por onde bebo uns tragos, quando a sede é muita. Tudo isto é nada, mas tudo é seu, e dado de coração. Faça-me a esmola de o aceitar ao seu Manel Bexiga, meu rico doutor!

— Manoel Bexiga, não me faças chorar em jejum! exclamou o Luz, sentando-se na cama, e levando o lençol aos olhos. Dá cá um abraço gallego de minh'alma; e, de todo o teu patrimonio, que me vens trazer com uma generosidade de besta, acceito-te o canecão de folha, e o destino para grandes cousas. Dá cá o canecão, Manel Bexiga!

*

N'essa mesma manhã, e d'ahi por diante, á janella do Luz, pendurado de um barbante, balouçava-se o canecão de folha do aguadeiro, com uma grande parasita dentro.

Explicando a uns collegas aquella cousa, o Luz concluiu, entregando-se a estes excessos de rhetorica:

— Aquillo, pois, que alli vêm, não é, como parece, um caneco vulgar d'aguadeiro: é um vaso digno de veneração.— *vas honorabile*, pois a parasita que dentro d'elle se ostenta é divinamente symbolica:— é a flôr da gratidão... Tambem, ou isto é fallar bonito, ou bote-se já n'uma fogueira a carcassa inutil do Paulo do Valle! (*)

LUCIO DE MENDONÇA.

(Continua)

O nosso collega Aluizio Azevedo tem prompto um novo romance, cujo titulo não nos é permittido revelar, por enquanto. Diremos sómente, e já não é pequena indiscrição, que será publicado no rodapé de um dos nossos mais importantes diarios.

VASO DE FLORES

(Th. GAUTIER)

Certa criança um grão encontra por acaso, E encantada por ver suas vividas cores, Toma, para o plantar, de porcellana um vaso Ornado de dragões e de bizarras flores.

Planta-o e parte. A raiz, como serpes, se alonga, Sae da terra e se torna em arbusto frondente; Dia a dia seu pé se estende e se prolonga Té que o bojo do vaso estala de repente.

Volta a criança; e vê, surpresa, erguido arbusto Punhaes verdes brandir nos cacos; e raiventa Quer derrubal-o; o tronco é tenaz, é robusto; Persiste, e finalmente os dedos ensanguenta.

Assim cresceu o amor que minh'alma celebra; Sementar, eu julguei, roseas flores singelas; E' um enorme aloés cuja raiz já quebra De porcellana o vaso onde lia figuras bellas!

ALFREDO DE SOUZA.

« A Illustração »

Temos sobre a mesa os tres ultimos numeros—14, 15 e 16.— d'esta excellente revista que se publica em Paris, sob a direcção do distincto escriptor portuguez Mariano Pina.

Bellissimos! O que não é de admirar. Cada novo numero da *Illustração* é um triumpho para o sen brilhante director, que tem revelado finissimo gosto artistico e grande tino administrativo.

O n. 14—traz, além de outras, uma bella e fina gravura, reproduzindo o celebre quadro de Bonnat:—Victor Hugo; acompanhada no texto por um magnifico artigo de Theophilo Braga.

No n. 15 torna-se notavel, além de um retrato de Stanley—*Um baptismo*, quadro de Kœmmerer, gravura de Vallette; quadro delicioso, gravura esplendida.

No ultimo numero, especialmente feito para o Natal, distingue-se um bellissimo retrato de François Coppée, o novo *immortal*.

Em todos estes numeros da *Illustração* e em alguns dos anteriores tem sido publicadas varias poesias de apreciados poetas brasileiros, como Luiz Delfino, Alberto de Oliveira, Luiz Murat, Silvestre de Lima, Valentim Magalhães, e do nosso companheiro Filinto de Almeida.

Isso prova o elevado apreço e a viva sympathia que merecem ao distincto director d'*A Illustração* os escriptores da moderna geração litteraria do Brazil.

(*) Professor de rhetorica em S. Paulo, no curso de preparatorios annexo á Faculdade. Muito magro.

O CARNAVAL

DA

HISTORIA

ABELARDO.— Principal autor de um drama-vaudeville intitulado:— *Os jogos do Amor e da Navalha*. Estreou como *premier rôle* e acabou como *inutilidade*. Porque será que a sua historia faz chorar as damas, ao passo que a de todos os seus collegas as faz rir? Abelardo foi o unico homem que realisou na historia este typo inverosimil:— *o eunucho para mulheres*.

ABRAHÃO.— O inventor da fatuidade. Tomou aos 85 annos uma segunda mulher, sob o pretexto de que a primeira era esteril. E alcançou os seus fins. Pudéra!... Se elle conhecia tanta gente!...

ACHILLES.— Achava especial prazer em se emboscar por traz da sua invulnerabilidade para matar os outros. Pelo que tomarei a liberdade de chamal-o:— *um heroe da covardia*.

ADÃO.— O que prova que elle foi na verdade o pae de nós todos é que elle se deixou enganar por sua mulher. Esta, formada de uma das costellas de seu marido, havendo-o levado direitinho para o inferno, conclue-se logicamente que foi a primeira costelleta que poz na grelha o primeiro homem.

ANACREONTE.— O Aristheo das cantharidas.

ANNIBAL.— Tinha tomado o *expresso* para Roma. Mas teve muitos minutos de atraso na estação de Capua e perdeu o trem.

ANTONIO.— Disputou com Octavio a honra de ser o assassino da liberdade romana.

Havendo perdido a partida, fez-se justiça a si proprio:—suicidou-se.

Cleopatra, sua amante, não quiz sobreviver-lhe, sem duvida porque, beirando os quarenta, achava-se já muito velha para enganar outros Antonios.

Morreu, como é sabido, da mordedura de um aspide.

O que prova que, ao envez do que se dá com os lobos, as serpentes fazem-se mal entre si.

ATTILA.— Chamou-se, mas sómente a elle, o *Flagello de Deus*. E' uma injustiça para com os outros conquistadores.

(Continúa).

PEDRO VERON.

O Sr. João Hilario de Menezes Drumond, cuja visita lhe agradecemos, veio mostrar-nos os originaes de uma obra de grande monta, que acaba de concluir, após cinco annos de aturado trabalho:— *Diccionario dos nomes proprios*. Cada nome é acompanhado, embora em resumidos traços, por uma noticia da sua origem e da sua historia. E' um livro tão util como agradável e inteiramente original entre nós. Felicitando o Sr. Drumond pela sua obra, desejamos-lhe... um editor.

POESIA E POETAS

OPALAS

VERSOS DE FONTOURA XAVIER

Chega-nos do Rio-Grande do Sul um volume sob o titulo acima. contendo diversas poesias de Fontoura Xavier, todas já conhecidas do publico, por intermedio da imprensa periodica, em diferentes épocas.

Se tivéssemos de as aquilatar no tempo mesmo em que foram escriptas, outro de certo seria o *criterium* pelo qual deveriamos aferir o seu valor esthetico, e a sua factura litteraria. Um juizo critico, por mais severo que seja, hade forçosamente levar em conta o gosto do momento, os caprichos da moda, as multiplas influencias, salutareas ou perniciosas, que determinam e impulsionam as inspirações do poeta, as preferencias do homem de letras, a feição da arte em geral. Todavia, sendo aliás homem do seu tempo, o poeta não deve escavar-se ás exigencias da moda, muitas vezes absurdas e inconsequentes, ao ponto de desvirtuar a sua verdadeira indole artistica, de falsear a sua *nota* pessoal, sacrificando a espontaneidade dos sentimentos, a originalidade das concepções e a sinceridade das emoções nas aras de um convencionalismo ephemero, posto em voga pelo talento pernicioso e brilhante dos Baudelaire, dos Guerra Junqueiro ou dos Alvares de Azevedo.

A imitação servil e *consciente*, detestavel em todas as especies de litteratura, é sobremodo intoleravel na poesia. E' isso por um motivo especial. O poeta é um artista essencialmente subjectivo, pessoalissimo, inconfundivel; e n'isso consiste o seu principal merito. Não ha dous poetas, dignos d'este nome, que sintam, vejam, pensem e exprimam-se de modo identico, ou mesmo analogo. Estas differenças radicaes; estes mysterios da intelligencia e da sensibilidade, são outros tantos phenomenos psicologicos cujas causas a sciencia é impotente para explicar e dos quaes só se conhecem os efeitos.

A imitação aqui é impossivel — o que não succede no romance, no drama, na prosa em geral, mais objectiva, susceptivel de processos communs, sempre ao alcance do talento e do estudo.

O poeta imitador de modelos, por mais habil que seja, pode ser equiparado ao papel-moeda bem falsificado; apesar da perfeição da mão d'obra, um périto tornaria visivel a differença d'este para o verdadeiro. Applicando o simile, diremos que a cedula falsa é o verso, mechanicamente perfeito, mas que não representa o fundo metallico, o ouro, isto é, a materia prima, o assumpto, a idéa, a concepção original, em summa, a poesia.

E nada mais ridiculo do que externar sentimentos que se não sentem, emoções que se não expirimentam, suspiros que se não exalam, indignações que não são sinceras e arroubos mentirosos ou fingidos.

D'ahi vem o escolho onde naufragam os falsos poetas: — o commum, o vulgar, o banal; e isso apezar dos applausos que elles sabem extorquir ao mau gosto do publico illetrado, dissimulando a pobreza de idéas nas lentejoulas fallazes de um estylo campanudo, pretencioso, intencional, arrebicado, pantafaçado, artificialioso, baldo de sentido.

Ora Fontoura Xavier, apezar do seu estylo alcandorado e do colorido ardente e *gritador* que elle derrama á flux em suas producções, não é poeta banal, não é um imitador commum, não é um verzejador consumado que disfarce a inandade das emoções poeticas n'um turbilhão

de palavras ocas de sentido e disposta na sonoridade do rythmo com o unico intuito de agradar ao ouvido. Ha em seus versos alguma cousa de espontaneo, de pessoal, de exquisito, de communicativo; as vibrações impetuosas e descompasadas do seu estro ardente ainda hoje repercutem no espirito do leitor, mau grado a justa prevençao que todos temos contra a poesia descabellada e satanica que illustrou a ultima phase do Roman-tismo.

Não ha duvida que o poeta é um tanto theatral, que arma ao effeito, que se preoccupa demasiado com a sonoridade do verso, com o peregrinismo da expressão, com a difficuldade da rima, com a singularidade e o imprevisito das imagens. Mas afinal de contas emerge a sua *individualidade* no meio daquella douda symphonia de vocabulos mirabolantes, de hyberboles arrojadas, de estranhas visualidades, naquelle carnaval vertiginoso de cortezãs, de clowns, de padres, de reis, de czares, dedeuses, de demonios, de garotos, de esplendores, de podridões, de furores revolucionarios, de rugidos de leão, gritos de condor, silvos de serpente, echos de caverna, guizos de arlequim, brados de victoria e vozes de alem-tumulo; tudo revolteando em dança macabra á musica de um rythmo extranhamente harmonioso e atordoacamente bello. Não convém sugeital-os á prova de uma analyse rigorosa, porque então se podem descobrir algumas impropriedades, incoherencias, obscuridades, e outros defeitos mais ou menos perdoaveis.

E' um poeta *synthetico*, se assim podemos fallar. A sua musa demolidora, implacavel, *vermelha*, demagogica, de uma audacia sem limites, é uma especie de *pot-pourri* radioso de perfumes acres á Baudelaire, realismo á Guerra Junqueiro, arrebatamentos á Hugo, pretenções á Castro Alves, e enigmas á Mathias Carvalho. Mas Fontoura Xavier conseguiu fundir tudo n'uma forma sua, a qual inquestionavelmente apresenta uma certa novidade no meio das elocubrações abstrusas da chamada escola *condoreira*, hoje bem morta e enterrada. As suas estropies porejam fumo, fogo, sangue, hymnos de triumpho e gemidos de agonia, e vibram como picareta abatida pelos braços de operario robusto e convicto.

Mas no meio d'aquella *razzia* formidavel de instituições e de crenças, o poeta sabe ter accents generosos para o amor da patria, da humanidade, dos pequenos, dos humildes e da liberdade; destróe como o pampeiro, mas, como este, transporta germens da idéa nova para o campo de outras idéas.

Os seus versos são correctissimos e a rima sempre boa e rica,

Como certas bebidas que embriagam augmentando a sêde, as poesias de Fontoura Xavier o atordoam e embriagam, mas não satisfazem as aspirações da arte moderna.

Transformou-se o ideal; a poesia harmonisou-se, concretizou-se. Correspon-dendo á evolução que se manifesta em todos os outros arraias litterarios, ella baixou o vôo altaneiro e pizou a terra fecunda da observação e da verdade, da natureza e do homem, da vida real com todo o seu cortejo de miserias e sublimidades. E n'este terreno ella nada perde da sua elevação e da sua nobreza, não rebaixa o intuito altamente civilizador da sua augusta missão, em que pese ao prefacista das *Opalas*, o qual desejava vê-la antes a desferir cantos *abstractos*, n'uma lyra feita de ether e de luz, lá n'umas regiões transcendentalmente philosophicas, onde só tem accesso quem galgar a escada de Jacob constituída pelos tantos volumes de Augusto Comte.

URBANO DUARTE.

Mattos, Malta ou Matta?

NOVAS REVELAÇÕES

TERCEIRA CARTA

Mal a barca abicou na ponte da estação de Nietheroy, saltei de um pulo, só cuidando seguir a mysteriosa franceza que me havia promettido informações sobre o casal fugitivo.

Mas, qual não foi a minha decepção, quando, voltendo em torno os olhos avidos, não encontrei a estrella em que baseára as minhas melhores esperanças.

Ella havia desaparecido, como por feitiço, visto que, apezar das pesquisas que empreguei, não lhe descobri sequer o rastro.

— Estaria se divertindo á minha custa? perguntei aos meus botões, que, naturalmente para me serem agradáveis, não quizeram opinar commigo.

— Bem! deliberei:— Não pensemos n'isto!

E fui cuidar de obter novas informações. Dirigi-me logo para o *bouffet* proximo á ponte e perguntei a um criado que servia a um canto da sala um grupo de rapazes, se elle tinha visto saltar um sujeito de suissas, polainas, chapéu branco, de braço dado a uma dama vestida de preto, com um chapéu de palha.

O criado olhou para mim, coçou o queixo e resmungou:

— Homem! Eu lhe digo... Saltar, saltaram, até mais de um par, o negocio porém é que não reparei se algum d'elles era esse de que falla o senhor...

— E uma franceza que chegou justamente nesta barca? perguntei.— Uma franceza de estatura regular, cabellos loiros e vestido de ramagens. Também não saberá dar-me noticias d'ella?...

Mal acabei de proferir estas palavras, um dos rapazes do grupo ergueu-se de improviso e, estacando defronte de mim, e ferrando-me um olhar muito atrevido, interrogou-me:— Que deseja o senhor d'essa franceza?

Confesso que não encontrei logo o que responder a semelhante typo. Elle, porém, acrescentou:

— Vamos! Estou ás suas ordens! Os negocios d'essa senhora tratam-se commigo.

— O senhor é seu marido?

— Não tenho que lhe dar explicações. Sou da franceza o que bem entendo ou quero ser! Apenas não admitto que nenhum sujeito, seja lá quem for, tenha com ella qualquer negocio particular!

— Pois então, dê-lhe lembranças! repliquei eu, voltando-me vivamente e muito disposto a dar ás de villa Diogo.

O typo não me deixou tempo para isso e cortou-me o caminho, indo postar-se á sahida do *bouffet*. Os outros rapazes seus companheiros, que eram em numero de quatro, haviam-se erguido já e estavam incorporados ao meu adversario.

— O senhor não me sahirá das unhas emquanto não explicar o que deseja da mulher que procura!

E, voltando-se para um dos companheiros:— E' uma questão a respeito da Jeannite! Sempre ella! Sempre as mesmas massadas por causa d'aquella siri-gaita!

Os rapazes, que se haviam levantado por ultimo, olharam-me então de alto a baixo e depois puzeram-se todos a observar os pés, e a chuparem os competentes charutos, muito serios e muito tranquilos.

A questão ia estoirar definitivamente por parte do meu provocador, quando este soltou um formidável « Ah! » e então vimos todos assomar á porta do *bouffet* a causadora de todo aquelle alvoroço.

Fez-se um grande silencio, no meio do qual a Jeannite atravessou a sala, foi ao

encontro do meu formidável aggressor e, depois de apontar para mim, lhe disse com a voz firme e resoluta:

— Este senhor não me conhece ainda, encontrei-o na barca e prometti que lhe daria informações a respeito de um casal que fugiu aqui para Nietheroy.

— A parte feminina d'esse casal é minha mulher! disse eu, corando levemente.

— Já sei, respondeu a franceza.

— Seria um casal que saltou na barca das cinco? interrogou o encarregado dos negocios da Jeannite:— Um casal muito unidinho, cujo homem trazia debaixo do braço uma caixa de chapéu de senhora?

— E' esse justamente! exclamei com um vislumbre.

— Cale-se! voltou a franceza em voz baixa ao meu ouvido:— Eu me encarrego de tudo, descance!

— Pois esse casal, meu caro senhor, continuou o da aggressão— esse casal seguiu para os lados de S. Gonçalo. E' só o que lhe posso dizer a respeito.

— Obrigado! respondi; e fiz menção de sahir.

— Olhe! acrescentou a franceza, não seja precipitado. Tome o bond do *Barreto* e...

Neste ponto ella abaixou a voz disfarçando e concluiu com esta frase — A's oito horas na rua do Imperador, n. ...

— Para que?

— Ah! ei contrará todas as informações.

O sujeito que se dizia encarregado de seus negocios, já então apresentando um ar inteiramente opposto ao que tomára no principio da questão, encaminhou-se humildemente para a recém-chegada e, de chapéu na mão, balbuciou com um sorriso de caixairo:

— Eu não tive a menor intenção de contrariar te, Lelê!

— Cale-se! exclamou ella com desprezo, e em seguida piscou para o meu lado o seu olho esquerdo, e sahio do *bouffet* ainda mais senhora de si do que entrára.

Sahi também, mas, para não deixar alguma sombra de suspeita no espirito dos rapazes, tomei direcção contraria á da franceza e cheguei até a sahir por uma outra porta.

O tal encarregado dos negocios d'ella fallara-me em S. Gonçalo, tinha eu, pois, de metter-me no bond de Sant'Anna.

Quando ia a fazer isso, sou detido por um homem de meia idade, gordo e de oculos, que me disse, fallando-me á orelha:

— Não vá a S. Gonçalo, seria perder o seu tempo; se quizer ouvir um bom conselho, siga os rastros da franceza que veio com o senhor na barca. Só ella, só a Jeannite lhe poderá dirigir os passos com segurança. Em todo o caso se V. S. não quizer dar ouvidos ás minhas palavras, acredite ao menos que não deve tomar o bond de Sant'Anna e sim o do Barreto, porque este o aproximará mais facilmente d'aquelles que procura.

Dizendo isto, o homem recuou dous passos e, escondendo o rosto n'uma capa rio-grandense que trazia, desapareceu nas sombras de uma casa em construcção que nos ficava ao lado.

Fiquei parado no meio da rua, sem saber que partido tomar. Cada informação das que lograra apanhar, longe de me illucidar o espirito, mais tenebroso m'o havia deixado.

Afinal, entre tudo isso, só a franceza fallára claro e decisivamente.

Puchei do relógio, consultei as horas, eram sete.

— Bem! deliberei. A's oito estarei na rua do Imperador n. ...

Segui.

Não gastei muito tempo a chegar ao ponto da entrevista e, a dous passos da casa indicada, o mesmo sujeito gordo de

ha pouco aproximou-se de mim e, levando o indicador aos labios, fez-me signal que o acompanhasse.

Tive vontade de hesitar, mas, chegado como estava áquelle ponto da intriga, deixei-me levar.

D'ahi a poucos instantes era eu introduzido n'uma pequena alcova cor de rosa, illuminada por um unico bico de gaz.

Mal entrei, senti correr um reposteiro que havia por detraz de uma cama e então vi surgir, como n'um sonho, a mysteriosa franceza.

Ella caminhou para mim, sorrindo, e logo que me teve ao alcance de suas mãos, passou-me os braços em volta do pescoço e exclamou entre beijos:

— E' meu!

— Perdão! disse eu— Perdão! Agora, tenha paciencia, mas não me pertenco a mim mesmo, quanto mais a V. Ex. Não tenho um minuto a perder! Preciso encontrar o amante de minha mulher!

— O Castro Matta? perguntou a franceza, sem me largar das unhas.

— Sim! O Castro Matta!

— Descance! voltou ella.— O amante de tua mulher está seguro e muito bem seguro! Dei já todas as providencias para isso...

— Como assim?

— Lè.

E eu li uma portaria da policia, declarando que o meu homem fôra recolhido ao xadrez na vespera, isto é— no dia 16 do mez de Novembro.

— Que? Pois elle está no xadrez?

— Juro-te que está e, não quero ser quem sou, se d'aqui a tres dias o destructor de tua honra, não estiver recolhido á casa de detenção.

— Em todo o caso, é preciso que eu vá no seu calçado.

— Não! exclamou a mulher:— Não sahirás d'aqui, senão amanhã, depois do meio-dia.

— Ora esta! gaguejei, atirando-me sobre um divan— só me faltava mais isto!

Sou de V. S.

Att. cr. e ven. ...

Realisa-se hoje as 7 1/2 horas da noute no Imperial Theatro D. Pedro II a distribuição dos premios do anno escolar de 1884 aos alumnos e alumnas do *Lyceu de Artes e Officios*. E' orador official da festa, que promete ser brilhante, o Sr. Dr. Ferreira de Araujo, director da *Gazeta de Noticias*. Agradecemos o amavel convite que nos fez a *Sociedade Propagadora das Bellas Artes*. Não faltaremos.

AS « MERIDIONAES »

O nosso companheiro Alberto de Oliveira acaba de receber uma bella prova de apreço ao seu ultimo livro de versos.

O moderno e notavel poeta portuguez Souza Monteiro, autor de dous apreciados livros: — *Sonetos* e *Poemas*, escreveu-lhe uma carta, de Lisboa, agradecendo-lhe a remessa das *Meridionaes* e dando sobre esse livro o seu authorisado juizo.

Publicamos essa carta, que difficilmente conseguimos arrancar á modestia do seu destinatario, porque ella representa o testemunho do apreço de um notavel poeta portuguez por um seu confrade brasileiro, e é uma grata prova da

confraternisação litteraria que se vai estabelecendo entre os escriptores dos dous paizes.

Eis a carta:

« Exm. Sr.

e meu presadissimo Poeta

Li e reli com prazer sempre crescente as suas *Meridionaes*. Bello e bem agou- rado titulo para versos amplos, desabro- chados, neuphars boiando em lago de luz vivissima!

Li-os e reli-os todos. Deram-me goso intenso e duradouro. Sou-lhe duas vezes grato. Grato pelo livro e grato pelo prazer. Só de longe em longe me concede agora desfructal-o o acaso.

Distingue, a par de outros dotes que admiro, ao Poeta das *Meridionaes* o amor sagrado da lingua e da forma. « O respeito da arte, o culto do estylo. — Tem razão Machado de Assis.

Esse respeito, que é dever, o primeiro dever de artista honesto, é tambem como todos os deveres nobremmente cumpridos, prazer e gloria. Difficilmente reconheço n'este ponto culposos requintes. Dissinto do fino critico.

A uma planta não « empee o mimo »: á mais preciosa, á mais pura e vivaz das plantas: a palavra.

Por minha indicação plausivel trans- ereveu um jornal de Lisboa alguns so- netos: a *Janella de Julieta, Voz da noute*. Transcreverá ainda outras *Meridionaes*. E' justo e é bom que os seus versos se divulguem aqui. Não de applaudir-lh'os. Parece ás vezes que outro é maior oceano separa os artistas de Portugal e da grande America portugueza. Ajaque- mol-o da Carta litteraria. Presemo-nos, os que manejamos, aquem ou alem do oceano, o delicioso instrumento da lin- gua portugueza. Ainda sob este aspecto me foi gratissimo o bello açafate de flores tropicaes com que me distinguiu o seu espirito generoso e cortez.

Envio-lhe tambem com esta carta *Os Sonetos e Os Poemas*. O Poeta das *Meridionaes* não os deseonhece. Disse-o do modo mais lisongeiro ao autor dos volu- mes remettidos. Ligue á remessa—uma singella saudação—o valor que intender merecer-lhe uma lembrança affectuosa e grata e o penhor de intensa sympathia e apreciação altissima.

A culpa na demora que fez no agrade- cimento e no applauso é só na appare- cia toda minha. Veiu-me tarde ás mãos o seu livro. Depois quiz lel-o todo e de vagar.

Estou desculpado?

Estreito-lhe affectuosamente as mãos.

De V. Ex.

amigo e sincero admirador,

JOSÉ DE SOUZA MONTEIRO

S. d'Estado dos N. Estrangeiros, 1 de Dezembro de 1881. »

No dia 8 do corrente falleceu na ci- dade de Barra Mansa, onde advogava, o Dr. Miguel José Tavares. Este nome não é desconhecido para o povo desta capi- tal.

Ha annos, no cargo de primeiro dele- gado de policia, ergueu o Dr. Miguel Ta- vares grande ruido em torno de seu no- me, com as energicas providencias que empregou para reprimir a prostituição exercida por mulhieres eseravas, por or- dem e proveito de seus senhores.

Foi sempre, quer nesse cargo, quer no de magistrado, quer como deputado pro- vincial, um zeloso e digno cumpridor dos seus deveres. Honra e paz á sua me- moria.

COFRE DAS GRAÇAS

— Que livro é esse?

— E' um livro de philosophia. Queres lel-o?

— Só se tiver estampas. Eu cá só admitto livros de philosophia... com estampas.

×

No *Recreio Dramatico*.

Conversam dous sujeitos, um dos quaes da roça, a respeito dos tres irmãos Dias Braga. Nisto, apparece o que é director da companhia.

— Olha, lá vem um d'elles— o José, o director.

Pouco depois apparece outro irmão Braga, o Juca.

— Lá vem um irmão d'elle, o fiscal do theatro.

— Ah! murmura o provineiano, ob- servando.

Apparece emfim o terceiro irmão— o Domingos.

— Vês aquelle sujeito de chapéu braneo? E' tambem irmão do Dias; é o que faz de *remorso vivo*.

— Que diabo! exclamou o provineiano, estes Dias não se parecem nada! nin- guem dirá que são irmãos!

— Que queres? Os dias succedem-se mas... não se parecem.

×

Conversa um brasileiro com um ita- liano, quando passa uma bonita mulher.

— *Que bella dona!* exclama o ita- liano, entusiasmado.

— Sim, que *bella dona*... para um temelio!— responde o brasileiro.

×

Pae— Voè é um grande sem vergo- ni a! Tão criança e já sustenta uma *co- cote!*

Filho—com dignidade:— Não, senhor. E' ella que me sustenta.

BIBIANO.

THEATROS

Unica novidade da semana: *O pae de Marcial* no Recreio Dramatico.

Ha vinte annos que Thereza sentira pelo seductor duque de llanmont uma paixão tão ardente quanto fugaz.

Pouco escrupuloso, o duque abusou da inexperiencia da rapariga e esta, poucos dias depois da queda, começa a aborrecer furiosamente o seductor e easa-se com Pedro Cambry, homem de immaculada honradez, e dá-lhe mezes depois um filho... do outro: Marcial. O marido, que não conhece o triste incidente da vida de Thereza, pensa que o filho e d'elle e educa-o nos mesmos principios de austera honestidade que professa. Aos vinte annos Marcial apaixona-se por Mlle. Esperança que o adora. Vae casar-se com ella, quando o Sr. Jourdan, pae de Esperança, estando inteiramente arruinado e ameaçado de uma fallencia desastrosa, recebe do duque de llanmont uma proposta de dinheiro que o rehabilitará; mas o duque exige a mão de sua filha, já promettida a Marcial. O velho recusa com indignação, mas a

filha, temendo o infallivel suicidio do pae offerece-se em sacrificio ao duque.

Sabendo d'isto, Thereza expõe ao du- que quanto é indigna a sua acção, e, para assegurar a felicidade do filho, faz-lhe saber que elle é o pae de Marcial; o duque, não acreditando na tardia de- claração de Thereza, não cede. Acaba aqui o 2º acto.

No 3º, Marcial, que não pôde resignar-se com a perda da noiva, procura por toda a parte o seu rival, e encontran- do-o, desafia-o. O duque recusa bater-se e o filho insulta-o. Trata-se o duello. Thereza, considerando este duello um sacrilegio, e não tendo meio algum de evital-o, pede ao marido que intervenha com a sua auctoridade paterna afim de impedil-o. Pedro, porém, sabendo de Marcial que o duque foi esbofeteado, aconsella o filho a bater-se. Então The- reza, desesperada, declara tudo ao ma- rido. Este, vendo calir n'um momento o edificio da sua felicidade, vendo-se de repente sem esposa e sem filho, fica fu- rioso e avança para Thereza quando entra Marcial. Então reprime-se e vae elle mesmo procurar o duque para se bater com elle em vez do filho. O duque, porém, como todos os tyrannos no ul- timo acto, arrepende-se de tudo, desiste do casamento, declara-se unico credor de Jourdan, e, não se querendo bater com o honrado Cambry, promete ir alistar-se no exereito carlista, na Hes- panha, e fazer-se matar no primeiro en- contro, pois que, como Bocage, diz lá comsigo:

« Saiba morrer o que viver não soube. »

Mas Marcial, que não pôde compre- hender tanta trapalhada e tantas inter- venções a seu favor, não aceita a solu- ção, e quer que o duque lhe explique tudo.

O duque, moita! Entra a mãe, que não sabendo da resolução do duque vem ainda pedir-lhe que se não bata com o filho.

Surpreza de ambos, mãe e filho, por se encontrarem na casa do duque. Fal- lação em meias palavras, pelas quaes Marcial chega a comprehender a verda- de da sua origem. Resignação geral, fim da peça, paz aos homens.

Tal é o novo drama em 4 actos de A. Delpit, hontem representado pela com- panhia do Recreio Dramatico.

Como se vê do enredo ligeiramente es- boçado, tem a peça grandes elementos de effeito, e conta com tres ou quatro scenas de paixão e violencia, o que lhe dá grande vantagem sobre o seu irmão, o *Filho de Coralina*, que só tem uma.

Os caracteres, porém, são em extremo vulgares, sendo que o duque de Hau- mont é b velho e estafado cynic) que em todas as comedias-dramas portu- guezas compra as *ingenuas* que tem centro nobre arruinado e á beira do abysmo.

Ha um parisiense, João de Born, e um contrabandista, Harispe, mettidos a mar- tello, e um episodio que pretende dar idéa do caracter dos biseainhos (Pois que a acção passa-se na Biscaia), entre um polieial e uma criada, sem a mener importancia, sem a minima intervenção na acção do drama.

A comprehensão repentina que, no 4º acto, tem Marcial da sua origem, é inex- plievavel, dado o seu caracter e a cega fé que elle tem na quasi sublime honra- dez de seus paes.

Falta-nos absolutamente o espaço para nos alargarmos em considerações cri- ticas; o publico que vá ver, e, se a peça lhe agrada, e porque é boa.

Nós nunca nos atreveriamos a dizer que ella é tola.

A traducção, talvez pela pressa com que foi feita, é muito descurada.

O desempenho é satisfactorio e bastante igual, excepção feita do Sr. Lisboa (Marcial) que nunca pôde conseguir affinação com os seus collegas.

A Sra. Helena (Thereza) dá grande vigor e relevo ás suas scenas do 3.º e 4.º actos, comquanto não se sinta muito á vontade no seu papel de mãe, o que não é extraordinario em uma atriz só acostumada a representar filhas.

Maggioli foi um bom duque e Dias Braga um Cambry muito razoavel e bastante correcto.

Os demais artistas, Maia (Born), Castro (Harispe), Livia (Esperança) e Balbina (Maravilhas), concorrerani para a harmonia do conjuncto, representando bem os seus papeis.

*
**

A companhia do Sant'Anna parte no fim de Fevereiro para S. Paulo, onde já abriu uma assignatura de quinze recitas, promettendo doze peças.

Parabens á Ilha dos Amores.

*
**

Emquanto, porém, não vae exhibir-se no velho theatro de S. José da patria dos Andradas, vae-nos dando o *Boccaccio* e o *Barba azul*, e prepara com actividade o antigo *Viveiro de frei Anselmo*, mas d'esta vez sem o Vasques.

E sem o Vasques o *Viveiro* não pôde viver.

*
**

A Appolonia organisou companhia no Lucinda, ou antes—reorganisou a desorganizada pelo Torres, pois que os artistas são quasi todos os mesmos.

Da-nos hoje a—*Sogra... nem pintada*.

*
**

A Fanny (A' pois!) anda tambem com pruridos de arranjar companhia para o Principe, logo que a do Souza Bastos, de triste memoria, dê inteiramente á casca. A interessante *Rosinha do deputado*, tem o que é mais necessario para esse committimento: umas tiras de papel velho e amarrutado com que nós ás vezes compramos cigarros; falta-lhe porém uma peça de effeito seguro, que possa satisfazer o publico e a empreza.

Porque não representa a *Fabia*?

*
**

A *Cocota*, de Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, está em ensaios no Sant'Anna; já não vae pela companhia do Braga Junior em vista da demora d'este senhor lá pela Paulicêa, que é agora a Mecca dos peregrinos da Arte.

E por fallar em peregrinos, lembra-se o publico do actor Peregrino, um *pão para toda a obra*, que se fazia sempre applaudir com fervor nos galans dramaticos, nos galans comicos, nos centros dramaticos, nos vegetes, nos tyrannos, nos cynicos, nos creados de comedia e nos incarakteristicos das magicas e operetas?

Pois este excellente actor, que nós vimos representar o André Roswen da *Dalila*, o Luiz XVI da *Maria Antonieta*, o Pedro das *Duas orphãs*, o italiano dos *Provincianos em Paris*, o creado lórpa da *Cada qual no seu lugar*, o Velocipe-de do *Testamento azul*, o D. João III da *Judia*, o Obscurantismo do *Espelho da Verdade* e mais uma infinita quantidade de papeis dos generos mais extravagantemente oppostos, está inteiramente inutilizado para a Arte e para a sociedade,

preso em casa por tenacissima molestia de coração!

Peregrino além de um actor consciencioso e prestantissimo, era um cavalheiro de subida delicadesa de sentimentos; nunca nos theatros se disse mal d'elle, e todos sabem como entre bastidores se falla dos artistas.

Consta-nos que se vae organizar um espectaculo em seu beneficio, e desde já emprasamos o publico para cumprir com o seu dever, accorrendo ao beneficio do infeliz actor.

*
**

A companhia de Julieta dos Santos, por causa das *Notas á margem*, arrepiou carreira.

Não realisou o segundo espectaculo annunciado.

Basta de commentarios.

Damos os parabens á Moralidade publica e ás *Notas*.

*
**

Como haviamos promettido, damos hoje um bello trecho da lenda tragica em 3 actos, de Echegaray, *No seio da Morte*, que está em ensaios no Recreio:

NO SEIO DA MORTE

ACTO II, SCENA II

BEATRIZ, só

Quando se affasta Manfredo, parece-me que respiro, mas se sósinha me quedo tudo o que vejo ou inquirio não sei porque, me dá medo.

Toda a voz é som dolente, todo o ser-monstro irritado; tudo accode á minha mente como visão do passado ou ameaça do presente.

O meu camarim doirado, em que com Dom Jayme via ao crepusculo rosado tombar o astro do dia entre o rubro cortinado;

essa janella ogival em que, auciiosa, eu assomava, ao escutar o signal de que o meu senhor voltava ao seu castello condal;

(Apontando um trophéo)

essa armadura, terror da moirama de Granada, que eu limpei com tanto amor, porque ella vinha manchada com sangue de seu senhor;

mesmo a banda carmezi, que eu com enlevo bordava em tantas noites, aqui, e que, ao partir, lhe cingi, emquanto elle me beijava;

até seu clarim de guerra, que imagino que outra vez

(Ouve-se com effeito um toque de clarim)

resôa perto da serra, annunciando que á sua terra torna o Conde de Argelez;

até o nobre e velho lar, em que elle, ao fogo dilecto, me costumava contar sob o enfumaçado tecto as historias do logar;

coisa nenhuma lhe falha; aguarda tudo o fidalgo, desde a pedra até á malha, até o seu velho galgo e o seu corcel de batalha;

tudo constante lhe ha sido; todos a fe lhe lião guardado; nenhum votou ao olvido seu nobre dono adorado, seu nobre dono querido.

E tudo assim no torreão, desde a muralha á couraça, desde o lebrél ao bridão, é uma eterna ameaça e uma eterna accusação.

Que mais? Té esse tapiz,

(Olhando com terror para o fundo)

o espanto comprehendendo d'esta mulher infeliz, parece que está dizendo: — « aqui está! »

SCENA III

BEATRIZ, e JAYME, seguido de alguns pagens e escudeiros. (Levanta-se o reposteiro e apparece Jayme e os seus).

BEATRIZ

(Retrocédendo ao ver Jayme)

Jayme!

JAYME (Avançando)

Beatriz!

(Beatriz dá um grito e cae por terra desmaiada. Jayme levanta-a e ampara-a nos braços. Os demais aproximam-se).

Não temais. Foi a emoção. Meu irmão que venha cá. Já o calor voltando está e já pulsa o coração.

Beatriz!... Amor!... Como é bella! Só Manfredo e ninguem mais.

(Dirigindo-se ao acompanhamento)

Vós, amigos, me deixais a mim sosinho com ella.

(Detendo-os com o gesto)

Mas preparai o torreão, como vos disse ao entrar, que me segue e vae chegar o monarcha de Aragão.

(O acompanhamento sae pelo fundo)

SCENA IV

JAYME e BEATRIZ (desmaiada)

JAYME

Unico amor d'esta vida, por quem perdi como infame torre por mim defendida, abre os teus olhos e dá-me a boa-vinda, querida!

Arrojei por teu contento, n'aquella maldita hora, honra e existencia ao vento, e quero um olhar agora de amor e agradecimento.

Acabe-se esta agonia. Gelada estás por acaso como uma esculptura fria? e este fogo em que me abraso a um marmore animaria!

(Com anciedade)

Se vives, vive, mulher; se estás morta, então, querida, faze-m'o já comprehender, que tu morta e eu com vida bem vês que não pode ser!

(Beatriz começa a voltar a si)

D'este corpo, ó Alma forte, se já rompeste a clausura diz-m'o, que eu vou com transporte contemplar-te a formosura mesmo no seio da morte!

Tambem se representou hontem, no Principe, *A arte na roça*, opereta em 1 acto, letra do poeta Palhares Ribeiro e musica da conhecida e intelligente compositora D. Francisca Gonzaga.

O talento musical d'esta senhora a sua reconhecida aptidão para o genero ligeiro e gracioso, são garantias de successo para o seu novo trabalho, e os applausos que lhe dispense o publico serão incentivos talvez para o aproveitamento de uma vocação de que ha muito a esperar.

Saudamol-a.

*
**

Vae entrar em ensaios no Recreio uma nova comedia em 1 acto, em verso, original de Figueiredo Coimbra, o joven e talentoso auctor da Carta Anonyma, que tanto agradou ao publico. Intitula-se *As duas Noivas*.

Por estes dias sahirá do prelo o volume de versos do nosso companheiro Alfredo de Souza. Intitula-se: *Auroras*.

PER AGROS

Un rire, un frais tableau, presque un rien.
BRIZEUX.

Vejo-a depois da ultima mudança,
Menos triste, mais sã, e mais bonita;
E mesmo, Excellentissima, permitta
Que o diga: o campo como a fez creança!...

Uma rosa no peito, outra na trança;
No olhar a luz da abobada infinita,
Onde a sereia loura da esperança
Em rêde de ouro se emballando, habita.

E' mais sêcca, tambem não é tamanha
Esta casinha: é longe da montanha:
Ha no jardim um veio transparente...

E enquanto assim fallava, ella sorria:
E ao vê-la rir, ao mesmo tempo cu via
Tremulo o bosque, o céu, a luz, o ambiente!...

LUIZ DELFINO.

TRATOS Á BOLA

Honra ao bello sexo!

Foi a Exma. Sra. D. Amelia Carmen a unica decifradora exacta das charadas e do logogripho do nosso primeiro numero.

Bem queriamos nós offerecer ás senhoras esta secção!... Parece que adivinhavamos.

Tudo n'este mundo é assim mesmo!

Eis as decifrações:—PANTUFO—CAMARATA—TROMBETA—BUSSOLA e CETRINO
Dizer que a decifração da ultima é NARIZ fôra offender os leitores d'esta secção.

A do logogripho é—Logogripho.

Por hoje vão estas:

2—2—O fogo no leilão é tecido.

1—2—Este numero é agradável e desagradável.

1—1—1—Letra, letra, letra; páu do matto.

1—2 Aqui este mez é do jogo.

E' do rio —1—

Do juriconsulto —2—

Não penses que seja um vulto
Mas d'elle vem a luz e não dou mais um pio.

LOGOGRIPHO

(por letras)

De aracapuda e arapabaca 3,6,4,1
Apertando o beijo a besta 2,1,4,6,3
Aracaranga me tem esta 2,1,6
Fazendo perder pataca 6,1,2,3
Cinco é N, é da rainha,
Mas não foi na vida minha.

Premios:

Ao primeiro decifrador exacto:

Um exemplar d'O *Gran Galeoto*, um dito das *Meridiona's* de Alberto de Oliveira e um dito das *Notas à Margem dos Ultimos harpejos*.

Ao segundo decifrador exacto um semestre d'A *Semana*.

D. PASTEL.

N. B. — Tudo quanto diga respeito a esta secção deve ser remetido em carta, dirigida a D. Pastel, redactor da mesma.

CORREIO

SR. LUIZ CARLOS ZAMITH.—A sua carta ao director d'A *Semana* foi recebida com especial agrado. Sentimos que da *Semana* huvesse esperado mais do que o que ella pôde dar. Agradecemos-lhe os seus conselhos sobre a direcção que se lhe deve imprimir e pedimos-lhe, em troca, licença para lhe fazermos uma pergunta:—Porque é que Vmcê. não fundou A *Semana*? Devia dirigil-a esplendidamente!...

SR. R. OCTAVIO.—Seus sonetos não são máus; para quem começa são muito aceitaveis. O diabo é aquelle primeiro verso do segundo quartetto do *Intimo*:

« E a legião dos atrozes soffrimentos. »

E' um pouquinho duro.

E' preciso lèr — *aléjiço* para dar certo. Quasi — aleijão.

Continúe; que *elles* hão de desapparecer.

SR. LUIZ PEPINO.—Ao seu soneto intitulado:—? só podemos responder assim:—! Pede-nos o Sr. Pepino que corriamos o seu soneto — pois não é poeta. Se não é poeta não faça versos. E não *apepine* o proximo.

SR. J. R. DA S. D.—Emquanto o respectivo empregado verifica se temos algum assignante com essas iniciaes, dir-lhe-hemos que só obterão resposta as consultas que forem subscriptas por assignantes da folha. *Sine quâ, non*.

SR. MANOEL IGNACIO.—O Sr. é sectario

daquelle proverbio que diz:—« Quem porfia mata caça. » Faz muito bem.

O seu soneto *Lá em casa* tem todos os versos do ultimo terceto perfeitamente... errados. Não temos tempo para emendal-o, como nos pede. Mas continue a porfiar. Quanto á promessa que nos faz de vir assignar a *Semana*, trazendo comsigo um piquete... de assignantes, obrigadissimos. Quando quizer... Com muito prazer!...

SR. FERREIRA DA COSTA.—Sebastianã. —Attendida a sua reclamação. As notas verdes do Thesouro, de 10\$, serie A. não soffrem desconto até 30 de junho do corrente anno.

Recebemos:

Dos Srs. Faro & Nunes:

— A CASA DE PENSÃO, romance original brasileiro de Aluisio Azevedo, em terceira edição. Traz uma bella capa illustrada com um elegante e fino desenho, devido ao lapis de *Rapp*—pseudonymo do Raul Pompéia, que maneja com equal pericia a penna e o lapis, e gravado por um novo e magnifico processo, aperfeiçoado pelo Sr. Izidoro Pinho e por elle denominado — *cyanotypico*. Traz, além d'isso, cinco magnificas estampas, illustrando o texto, desenhadas por Aurelio de Figueiredo.

Dos mesmos Srs. Faro & Nunes:

— *Illuminuras*, poesias de Achilles Porto Alegre, publicadas na cidade de que tem o poeta o nome; um volume de 140 paginas.

— « Systema de telegraphia e telephonia simultaneas pelos mesmos fios de F. Van Rysselberghe, » noticia por Charles Mourlon—translação do francez. Recommendamos a leitura d'este opusculo aos interessados e especialmente ao Governo, pois que a introdução desse systema em nosso paiz, a exemplo do que se tem feito na Europa, seria de grande e geral vantagem.

Dos Srs. Lombaerts & C.:

— A *Estação*, de 30 de Dezembro do anno findo—Anno XIII, n. 24. Bellos e muitos figurinos, texto excellente, e uma interessante gravura: « A chuva de ouro (o que a *Estação* deseja para os seus assignantes). »

E' tambem o que nós desejamos para os nossos, collega. Mas que estejamos tambem na rua e... sem guarda-chuva.

— Da casa de roupas feitas *Au bon diable*, em S. Paulo, uma interessante *folhinha-carteira* para 1885.

— Da directoria do *Club da Tijuca* um amavel convite para a *partida* que no dia 3 se effectuou nos seus salões.

— Do Dr. Amilcar Americo de Ataliba Fernandes um exemplar da these que sustentou perante a Faculdade de Medicina sobre o seguinte ponto: « Do diagnostico das affecções dos rins »; a qual foi approvada com distincção; o que dispensa qualquer outro elogio.

— A *Vespa*, semanario illustrado, cujo primeiro numero appareceu a 10 do corrente. E' escripto pelo Arthur Azevedo e desenhado pelo Netto, os mesmos que fazem o *Mequetrefe*. Isto quer dizer que, tanto d'este como dos numeros que se lhe seguirem, o texto é espirituoso e leve e os desenhos—leves e espirituosos.

— *As obscuras*, poesias de Felix Antonio de Almeida. Ao redactor da secção — *Poesia e poetas*.

— Relatorio apresentado ao governo imperial pelo Dr. Domingos José Freire, presidente da Junta Central de Hygiene. Neste pouco conhecido documento, que honra o seu illustre auctor, encontram-se valiosos argumentos para com vantagem responder ás censuras e accusações que têm sido feitas á Junta e ao seu presidente.

— O primeiro fasciculo da importante obra de Pereira e Souza— *Classes dos crimes*, reimpressa no Brazil pelo Instituto Bibliographico e Litterario, sob a direcção do Sr. Domingos de Oliveira Menna Barreto. A distribuição em fasciculos é feita bi-semanalmente, ao preço de 500 réis cada fasciculo de 16 paginas.

— *Flores de Baependy*, poesias de José Divino.

— *Traços azues*, versos de Virgílio Varzea.

— *Paginas soltas*, por Nogueira da Gama.

— *O romancista*, jornal exclusivo para publicação de romances. — 4 fasciculos, em que se enceta a publicação d'*O manuscrito materno*, de Perez Escrich, e *Dama das perolas*, por Alexandre Dumas Filho.

Este jornal, no genero do fallecido *Folhetim*, merece o favor publico, o qual certamente não lhe ha de faltar.

— *União medica*, revista mensal, consagrada á defesa dos interesses scientificos, moraes e profissionaes da classe medica. Anno 4º n. 12. Traz importantes e curiosos trabalhos.

— *Guia popular ou Indicador alphabetico do commercio, industrias e profissões do Rio de Janeiro e Nitheroy*. São seus editores e proprietarios os Srs. E. de Nogueirrol & C. Obra utilissima e barata.

DECLARAÇÕES

A SEMANA

O escriptorio d'**A SEMANA** está aberto todos os dias — das 8 horas da manhã ás 8 da noite.

Declaramos para os fins convenientes que são nossos empregados os seguintes senhores:

— Valentim da Costa, principal agente e reporter.

— Oscar da Silva e Oscar de Castro, cobradores.

— Antonio Luiz do Couto, agente e cobrador em Nitheroy.

— Diogo Francisco Moreira, agente.

A'S SENHORAS ECONOMICAS

Sapatos de duraque preto, biqueira de verniz, solla forte, ns. 32, 33, 34 e 35, a 3\$ o par; ditos de pellica, com chapas, da mesma numeração, a 4\$500; borzequins de chagrin, solla forte, para senhora, 5\$; botiñas de verniz, encouraçadas, para criança, 2\$ o par; assim como temos mais diversos calçados para homens, senhoras, meniús e meninos, que separamos do balanço para torrar por qualquer preço; no grande armazem do Azevedo, na rua dos Andradas n. 23, em frente ao largo do Rosario (antigo da Sé).

Hotel Primeiro de Março

Almoço. 500 rs. | Jantar. . . 500 rs.

Recebe pensionistas e fornece comida para fóra, com asseio e promptidão, por preços razoaveis

Rua Primeiro de Março n. 6, sobrado

ANNUNCIOS

Externato João de Deus
Aulas primarias e secundarias
60 — RUA SETE DE SETEMBRO — 60

A SEMANA

Accepta annuncios nas seguintes condições:

Nas ultimas paginas, na secção propria, a 2\$ cada um dos quadrinhos. Intercalados no texto, entre os artigos de redacção, 500 réis a linha. Em logar especial, de inevitavel leitura, 1\$ a linha.

Collegio N. S. da Candelaria
13 — LARGO DE CATUMBY — 13

Reclames

Publicam-se n'esta folha *reclames* commerciaes sob a fórma de contos, poesias, noticias, etc... Verdadeiras armadilhas, agradaveis e infalliveis, á attenção do leitor. Preços variaveis, conforme a natureza e o tamanho da *reclame* e mediante previo ajuste no escriptorio da folha — Travessa do Ouvidor n. 36, sobrado.

COLLEGIO PUJOL

CURSO COMPLETO DE PREPARATORIOS
ESTAÇÃO DOS MENDES
(E. F. Pedro II)

Acceptam-se neste escriptorio assignaturas para os seguintes livros, que proximamente virão a lume:

SONETOS E POEMAS

um volume de 200 paginas, por Alberto de Oliveira;

SONETOS DE TODA A COR

um volume de cerca de 200 paginas, por Henrique de Magalhães, com uma introdução do grande poeta brasileiro LUIZ DELFINO; e

AQUARELLAS

versos de Filinto de Almeida.

O preço de assignatura para qualquer d'esses livros é de

2\$000

LINGUAS

PORTUGUEZ, FRANCÊZ E INGLEZ
Professor — RODOLPHO PORCIUNCUA
Informações n'este escriptorio.

AO BALISA

F. A. FREIRE DE ANDRADE
Telephone 855

TISICA PULMONAR

HERVA HOMERIANA



Remedio poderoso e eficaz para a cura da **tuberculose pulmonar chronica** e de todas as molestias do pulmão e da garganta, licenciado pelo Ministerio dos Negocios do Imperio e approvado por muitos governos e juntas de hygiene da Europa, que fizeram obrigativo o uso da

HERVA HOMERIANA

nos respectivos hospitaes.

E' usado tambem nesta corte, nos hospitaes da Sociedade Portuguesa de Beneficencia, da Veneravel Ordem Terceira da Penitencia, da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo, de Marinha e Ordem Terceira de S. Francisco de Paula e na Santa Casa da Misericordia da cidade de Rezende.

Unico agente para o Brazil **CARLOS BERTINI**, com deposito geral á rua do Senado ns. 16, 18 e 18 A.

Vende-se tambem nas principaes drogarias e pharmacias da corte e das provincias.

EXTERNATO HEWITT

INSTRUCÇÃO SECUNDARIA E COMMERCIAL
134 — RUA DO ROSARIO — 134
Rio de Janeiro

CHARUTARIA MODESTA

M. C. SERGIO BITTENCOURT

Completo sortimento de charutos nacionaes e estrangeiros, cigarros de todas as qualidades, diversos artigos para fumantes e tudo concernente a este ramo de negocio.

131 RUA DO OUVIDOR 131

CAFÉ DO BRASIL

LIMÕES DE BORRACHA

JÁ PROMPTOS

com tres cores, é só encher, vende-se a 4\$000 a grossa (12 duzias)

10 RUA DA IMPERATRIZ 10

Bazar Santa Rita

AO SAPATEIRO IBERICO**EUZEBIO LOURENÇO**

153 Rua Sete de Setembro 153

EM FRENTE À TRAVESSA DE S. FRANCISCO DE PAULA
Calçado sobre medida, para homens, senhoras e crianças.
Especialidade em calçados de setim, velludo, etc., etc., saltos á
Luiz XV.

Encarrega-se de mandar bordar qualquer calçado a ouro.
Aprompta com brevidade calçado para casamentos, balles,
theatros, etc., etc.

TINTURARIA DO PAVÃO

A VAPOR

Soares & Ferreira

Neste bem montado estabelecimento, tingem-se, limpa-se o con-
certa-se toda e qualquer roupa de homem, bem como tingem-se
fazendas de lã, seda, linho, algodão, fitas, chapéus, chales, etc.

TIRA-SE MOFO DAS FAZENDAS — TINGE-SE EM 24 HORAS PARA LUTO
Lava-se, tingem-se e enforma-se chapéus de homem.

Temos maclinismos para trabalhar tão perfeitos como as me-
lhores fabricas na Europa. Superiores tintas para escrever.
149 Rua Sete de Setembro 149

COLLEGIO TODOS OS SANTOS**FUNDADO EM 1876****6 RUA DAS DORES 6**

ESTAÇÃO DE TODOS OS SANTOS

Funciona a aula diurna das 9 horas da manhã ás 2 da tarde, e a nocturna, **gratuita**, para adultos, das 5 horas da tarde
ás 7 ½ da noite.

CONFETARIA LEALDADE

REFINAÇÃO DE ASSUCAR

ARMAZEM DE MANTIMENTOS**TORQUATO RODRIGUES DE MACEDO**

Apromptam-se encomendas com rapidez. Bandejas de doces, Pães de Lot, Fiambres, etc., etc.

Neste estabelecimento encontra-se sempre :

Vinhos finos e communs, Licores, Cognac, Genebra e todas as qualidades de bebidas alcoolicas, assucars,
chá, café, manteiga, biscoitos finos e communs, e muitos outros generos que diariamente
se gastam em casas de familia.

Tudo de superior qualidade e por preços da cidade

6 Rua da Floresta 6**LARGO DE CATUMBY****RIO DE JANEIRO****HOSPEDARIA FIEL**

RIA DA ALFANDEGA N. 236 E TRAVESSA DE S. DOMINGOS N. 2

Os proprietarios deste vasto estabelecimento têm a honra de
apresentar á concurrencia publica, bonitos quartos mobiliados,
espaçosos e muito arejados, offerecendo toda a garantia de se-
gurança, aonde os Srs. viajantes podem pernoitar livres de risco.
Todos os compartimentos com linda vista tanto para a travessa
como para a rua da Alfandega. Este grande estabelecimento tem
duas entradas, sendo a mais *reservada* pelo lado da TRAVESSA N. 2

A casa está aberta toda a noite. Preços modicos.—Lima & Xavier.

CHAPELARIA DE LONDRES

CASA DE PRIMEIRA ORDEM

Recebe por todos os paquetes o que ha de novidade emchapéus
das principaes fabricas de Paris, Londres e Hamburgo.
Offerece grandes vantagens em preços porque recebe todo o
seu sortimento directamente

J. C. M. GUIMARÃES JUNIOR**82 Rua Sete de Setembro 82****106 Rua da Assembléa 106****CORSARIO****106 Rua da Assembléa 106**

Camas de ferro para solteiro, com colchão, 78; ditas para casadinho, com colchão, 138 e 148; ditas com grades e colchão,
para criança, 88; berços com colchão, 68500; colchões de 6 palmos, para casados, 58; ditos de 5 palmos, 48500; de 4 palmos,
38500; de 3 1/2, 38; de 3 palmos, 28500; de 2 1/2, 28 e 18800; almofadas de crina, muito frescas, 18500; ditas de paina, de 500 rs.
para cima; lenções de cretonne, superior, 18400; colchas, 18400; lavatorios completos, 58. Para casadinhos de fresco, camas de
vinhatico, a Ristori, 428; ditas francezas, para os mesmos, 258 e 278; um bom colchão de crina e capa de linho superior, para as
mesmas, 168 e 208; 4 almofadas de crina e paina de seda de Campos, para os mesmos, 88; marquezas de vinhatico, para solteiro,
208; camas de ferro, 3 ou 3 1/2 de largura, 48500; ditas de lona, 48; cadeiras, 28500; mesas para o quarto e para o dominó, 58
e 68; cortinados de filó de seda, para creança, 88; ditos para solteiros, 158; ditos para casados, de filó inglez, 258 e 308; paina de
seda de Campos, kilo, 38500; dita moreninha, mas fresquinha, 18500 e 18; crina aberta para as rabadinhas das senhoras, kilo, 18, etc.